



“Vou sentir o cheiro do Master Chef”: a transição da TV Analógica para a TV Digital nas escolas dos anos iniciais.

Cláudio Márcio Magalhães¹, Carlos Renato da Silva, Carolina Aparecida de Sena, Otávio Pereira Camargos²,

¹Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Instituto de Comunicação e Artes – Centro Universitário UNA
Belo Horizonte – MG – Brasil

²Curso de Pedagogia – Faculdade de Educação - UFMG
Belo Horizonte – MG – Brasil

carolina.aparecida@hotmail.com, renato.una@hotmail.com, otavioplus@hotmail.com, claudio.marcio@prof.una.br

Resumo. Em 2017, Belo Horizonte passou pelo processo de transição da TV analógica para a TV Digital. Na ocasião, professores do ensino básico público tiveram formação para aproveitar o momento e introduzir a temática da televisão em suas aulas, com ênfase nos seus aspectos éticos e sociais. O objetivo deste artigo é analisar a aplicação dos cadernos didático-pedagógicos produzidos pela Seja Digital/FAE-UFMG em salas dos anos iniciais. O processo metodológico envolveu questionários, entrevistas e, principalmente, a observação participativa das atividades de nove educadoras em oito escolas da região metropolitana da capital mineira, tanto antes como depois do desligamento do sinal analógico. Nos resultados, percebe-se que há uma importante diferença de visão das crianças e suas professoras sobre TV, embora as expectativas sobre a TV digital se assemelhem. As convergências e divergências ajudaram na série de ricas experiências didático-pedagógicas, com uso lúdico e criativo pelas crianças e educadoras, envolvendo a prática escolar e trazendo a temática da complexidade da TV para a sala de aula.

1.Introdução

A transição da TV analógica para a TV Digital no Brasil começa ainda no final do século passado, quando se debatia qual o sistema tecnológico o país deveria adotar (naquela ocasião, ainda restritos ao ‘americano’ e ao ‘europeu’, mas posteriormente suplantados, no país, pelo ‘japonês’). Nos Estados Unidos e na Europa ocidental a transição, e seu debate consequente, iniciaram-se no final dos anos 1980’ e iniciadas as operações no início dos anos 1990’ (MELO, RIOS, & GUTIERREZ, 2000). No Brasil, embora o marco inicial ainda seja a publicação do Decreto 4.901, de 2003 (BRASIL, 2003), nos anos 1990’ já se discutia, em diversos seminários, órgão de classe e na Anatel (agência regulatória brasileira), como seria a transição no país. Tal contextualização histórica é importante, uma vez que os rumos imaginados para a nova tecnologia seriam embalados pela mesma lufada progressista presente, em grande medida, nos debates que levaram à Constituição de 1988. Neste sentido, a TV Digital era vista como mais uma grande oportunidade de inserção social dos menos afortunados – agora via digitalização do principal veículo de comunicação, a televisão. Esse aparelho doméstico, mais do que um dispositivo eletrônico, é um aparato cultural que permeia a vida e a história recente dos brasileiros.



“Promover a inclusão social, a diversidade cultural do país e a língua pátria por meio do acesso à tecnologia digital, visando à democratização da informação” (BRASIL, 2003) é o que prometia sua primeira normatização, resultando de mobilização social de entidades ligadas a democratização da comunicação. Pois bem, ainda na primeira década do processo de transição, já se sabia que boa parte das promessas ficaria, como até no momento ficou, no mundo do ideal imaginado na legislação (CABRAL FILHO, 2007).

No entanto, no momento que as grandes capitais e suas regiões metropolitanas vão finalizando essa transição pelo país há alguma esperança que algum resquício daqueles sonhos ainda dê resultados. Ao fazer as regras da transitoriedade do sistema de TV Analógica para o da TV Digital, o ordenamento compeliu que as empresas de telefonia a serem beneficiadas pudessem compensar eventuais custos com a liberação do espaço do espectro eletromagnético¹. A mais importante exigência era a garantia da inclusão de, no mínimo, 93% da população brasileira dentro do recebimento dos sinais da TV Digital. EAD-Seja Digital, empresa responsável pela inclusão, se propôs a “não deixar ninguém para trás”, já que, para aqueles não atingidos, o resultado seria a perda completa do acesso à televisão aberta, o veículo de comunicação e entretenimento mais importante para a maior parte da população brasileira. Em 2017, além da cidade-piloto de Rio Verde/GO, o desligamento em Brasília teve importante papel neste sentido, sendo documentada toda a sua movimentação social em torno da transição (KIELING, FREITAS, & FEITOSA, 2017).

Depois da capital do país, era importante dar um passo a mais, e a opção escolhida por Feitosa era em direção à escola formal. “As tecnologias apontam para uma realidade em que o cidadão é protagonista dos meios digitais. Então é possível, sim, pensar em um contexto em que professores também possam fazer da TV uma extensão da sala de aula” (FEITOSA & SCHLÜNZEN, 2012, p. 471). A partir do exemplo de Brasília, Belo Horizonte deu continuidade àquelas atividades, agora acrescidas de uma ênfase na educação formal, voltando-se para levar tais objetivos em experimentações em escolas de ensino básico público. Com esse intuito, a EAD-Seja Digital desenvolveu diversas novas atividades, em destaque uma formação de professores de escolas públicas dentro da região metropolitana da capital mineira. Para esse programa específico, foram desenvolvidos cadernos didático-pedagógicos intitulados *Conexões Escolares com a TV Digital* (SOUSA & FEITOSA, 2017a), uma parceria entre a Seja Digital e a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

A transição da TV analógica para a TV digital, portanto, foi a oportunidade de colocar novamente a televisão na pauta da escola. Conforme Martelleto (*apud* p.7), as publicações querem justamente “explorar os detalhes desse processo, a partir do princípio da transdisciplinaridade”. Os editores acreditam que é o momento propício para convidar a escola a “ampliar suas reflexões sobre o processo de democratização da comunicação digital no Brasil”. Neste sentido, as publicações foram orientadas por dois objetivos:

¹ Com a transição da TV analógica para a TV Digital, os sinais de televisão que ocupam tal espectro são fortemente maximizados, o que reduz consideravelmente a necessidade do seu uso espacial. Com isso, abre-se espaço para outras tecnologias, em especial as novas gerações de transmissão de aparelhos celulares, que, por sua vez, são cada vez mais robustos já que agora trafegam não mais só áudio, mas fotos, vídeos, dados, e a qualidade da imagem e a velocidade do recebimento se tornam diferenciais importantes de mercado. Daí o interesse, mundial, das empresas telefônicas no processo da digitalização da TV.

O primeiro visa informar e formar a população brasileira sobre a mudança do sinal analógico para o sinal digital de televisão, mobilização que também se faz urgente no “chão da escola”, lugar da experiência, das trocas, das práticas e vivências do coletivo escolar. O segundo objetivo é transformar esse acontecimento em uma oportunidade de fortalecer a educação midiática na escola básica (Sousa & Feitosa, 2017a, p. 9).

Foram programadas diversas formações, mas, em especial, 30 professores participaram de uma amostra específica, que previa o acompanhamento do uso dos cadernos em suas salas de aula. As publicações foram divididas em dois eixos temáticos: um, tratando da abordagem teórico-formativa, outro, com propostas de oficinas e atividades. Mas, de que maneira o educador iria se apropriar deste material? Como a utilização do material didático contribuiria para construção e/ou aprimoramento do olhar crítico sobre a TV pelos educadores e estudantes?

Esse artigo específico trata da experiência nas salas de aula dos anos iniciais, até o 5º ano do ensino fundamental, envolvendo crianças de até 10 e 11 anos (houve ainda outras pesquisas em outros momentos da educação básica e de jovens e adultos). Após a formação inicial dada pela Seja Digital, em conjunto com a Faculdade de Educação da UFMG, foram observadas as atividades e interações de nove professoras em oito escolas da região metropolitana de Belo Horizonte, tanto antes do desligamento do sinal analógico (de outubro a novembro de 2017) como também após o dia 22 de dezembro (nas duas semanas seguintes), quando a TV Digital passou a reinar nessas localidades.

2. Metodologia

Os pesquisadores visitaram oito escolas públicas de Belo Horizonte e Ribeirão das Neves (dentro da região metropolitana da capital), para observar as atividades de nove professoras que fizeram a formação da Seja Digital/Fae-UFMG a partir das propostas dos cadernos da coleção *Conexões Escolares com a TV Digital* (Sousa & Feitosa, 2017a). Das nove salas de aula, cinco professoras receberam os pesquisadores após o desligamento do sinal analógico, e duas responderam a questionamento via mensagem eletrônica (email).

As educadoras aplicaram, nos dias de observação anteriores ao desligamento, as atividades previstas nas publicações. Quando da visita dos pesquisadores, boa parte já havia realizado as atividades em outros momentos e, no dia da observação, aplicaram novas atividades, reforçaram as antigas ou retrabalharam os resultados anteriores com as crianças.

Portanto, parte da metodologia foi de observação participativa, com os observadores permanecendo em sala o mais discretamente possível, mas fazendo intervenções a convite da educadora ou no sentido de fazer perguntas para entender melhor o que, professora e/ou criança estavam pensando naquele momento. Foi utilizado um roteiro, que a educadora não teve acesso, assim como um diário de anotações para registrar as informações que condiziam com os objetivos da observação.

3. Resultados

3.1 Utilização do material didático Seja Digital/Fae-UFMG

O que logo se percebeu no princípio dos trabalhos de observação foi o distanciamento entre a euforia das crianças, quando se trata da televisão, e a resistência, quando não o



desprezo, das educadoras sobre a mesma temática. Embora a formação da Seja Digital/Fae-UFMG amenize os discursos, ainda se percebe nelas um receio, um desprezo e/ou repugnância sobre a televisão. Tal constatação não aconteceu sem causar surpresa nos pesquisadores durante as visitas.

Um sinal disso foi que se percebeu que os trabalhos realizados com os alunos tinham, muitas das vezes, em suas escolhas, o desejo do adulto, e que durante a conversa dos pesquisadores com as crianças, se contradiziam com a vontade delas. Muitas das vezes as crianças tentavam participar ativamente das atividades propostas pela professora, com ideias que pudessem realmente mostrar o cotidiano delas sobre assistir à televisão, porém algumas docentes colocavam limites sobre o que realmente era bom quando se tratava de programas televisivos. Isso ficava em evidência quando da apresentação dos trabalhos propostos pelas professoras. As crianças não tinham autonomia sobre seus trabalhos, direcionados pelo pensamento adulto, mesmo que a partir de uma escolha “democrática”, ou seja, depois de uma votação entre os alunos. Assim as divergências sobre o que assistir e o que não assistir ficavam mais transparentes a medida que os alunos iam dando seus depoimentos.

Portanto, o maior problema na aplicação do material didático mostrou-se na resistência quase que unânime das docentes em relação à televisão, nitidamente postulando como os lugares da TV e da escola são separados. A percepção geral dos docentes mais relutantes pode se condensada no discurso de uma delas, quando disse que, infelizmente, a televisão, ao invés de auxiliar, “ajuda a deformar a consciência crítica das pessoas, principalmente a Rede Globo.” Afirmou que os canais de televisão “teriam mais valor se prestassem serviços para a comunidade e o povo brasileiro”, tendo uma programação mais voltada para “formação e informação”, com o governo ou o próprio povo na gerência do canal – fazendo com que a televisão cumpra seu papel, com “informação com qualidade e consciente, para formação humana da população, e não a serviço do poder”.

Parte significativa das professoras não tratava, antes da formação, de forma alguma qualquer assunto referente a TV em sala de aula, quando não a viam como um dificultador, pois os alunos ficavam até tarde assistindo televisão e, especificamente pela manhã, estavam indispostos para acompanhar as atividades escolares. As professoras afirmavam evitar a TV em sua vida pessoal, optando por filmes, documentários e livros em seus horários de lazer, e demonstram certa ansiedade ao falarem neste ponto, apresentando uma necessidade de negar a TV, por considerá-la algo maléfico, um vilão contra o ambiente intelectual em que estão envoltas em sua profissão. Todavia, algumas professoras, embora afirmem que a programação televisiva não seja sua principal ou predileta fonte de entretenimento, assistem a programação dos fins de semana, e ainda salientam o vínculo da televisão com seu núcleo familiar, citando as programações prediletas de seu esposo e mãe, demonstrando simpatia com a TV e o uso que seus familiares fazem dela.

De qualquer forma, a partir da formação, as professoras demonstraram a necessidade de reconhecer o que seus alunos assistiam na TV e a trazer essa discussão para a sala de aula. Todavia, o espaço aberto aos alunos tratava, em geral, de discutir questões técnicas da TV apresentadas nos cadernos. Vale ressaltar que várias discussões significativas surgiram a partir da curiosidade dos alunos, e que as professoras se depararam com debates sobre público de cada programa, para quem foi desenvolvido (criança, idoso, homem, mulher). Uma das professoras descreveu orgulhosa seu trabalho em relação às propagandas apresentadas na televisão, uma discussão que levou ela e



seus alunos a enxergarem as suas características comerciais de uma outra forma, não somente como receptor, mas analisando seu conteúdo criticamente.

Assim, como um importante destaque, as aversões e resistências não foram suficientes para que as professoras deixassem de enfrentar o desafio de tratar da temática em sala, inclusive realizando diversas atividades lúdicas propostas pelos cadernos. Foi notório o quanto as educadoras se aplicaram nos procedimentos e, em grande parte, obtiveram aulas divertidas, com envolvimento das crianças e, de uma forma ou de outra, repassando o debate sugerido pelo material didático. Na sua visão, os cadernos eram de ótima qualidade, principalmente pela quantidade de coisas que podem ser trabalhadas, principalmente jogos e oficinas que são bastante atrativas para as crianças. Segundo uma delas, um “material [que] vem para somar com o trabalho das professoras”. Outras docentes, no entanto, viram como principal limite justamente a pouca quantidade de atividades destinadas ao primeiro ciclo do ensino fundamental, sendo que a maioria precisava de adaptações e elas não receberam formação adequada para tal. De qualquer forma, percebe-se que havia uma sensação que ‘quero mais’ nas docentes.

Outro problema foi a pouca quantidade de kits impressos, que continuam material com os jogos sugeridos, sendo insuficiente para trabalhar em mais de uma turma. Tal característica demonstra outro grande limitador dos cadernos, uma vez que, para os anos iniciais, as versões impressas são fundamentais, dadas as características das atividades lúdicas. Com o alto custo gráfico, não houve condição de disponibilizar tal material para todos os professores capacitados fora deste universo pesquisado, o que certamente comprometeu sua aplicabilidade.

A falta de preparação das professoras para manusear o kit – uma vez que a formação foi apenas expositiva, sem atividades práticas – também limitou o seu uso, o que fez com que algumas discussões ficassem rasas. As visões críticas prévias das professoras em relação a TV agiu em detrimento de um bom uso do conteúdo teórico disponibilizado, uma vez que não estavam inteiramente convencidas do papel pedagógico que a televisão poderia proporcionar.

Uma vez mais, tais limites não foram o suficiente para que as educadoras desistissem da tarefa e deixassem de realizar atividades empolgantes, divertidas e de aprendizagem. Dentro das propostas sugeridas pelas cartilhas, as preferidas foram a construção da televisão de rolo de papelão, que tinha como objetivo “refletir sobre o modo como a TV participa do nosso cotidiano e interfere nos hábitos de convivência em nosso lar” (Sousa & Fonseca, 2017b, p. 37) e a Cápsula do Tempo, que convidava as crianças a “construir um registro sobre a TV de hoje e estimular a imaginação sobre a TV que queremos” (p. 38). Mas houve a construção de um “museu” da televisão a partir dos depoimentos dos parentes, confecção de antena com material reciclado, apresentação teatral e até um telejornal protagonizado pelos alunos e exibido na escola. Os trabalhos resultantes mostraram a notável influência que a televisão exerce na vida dos estudantes. Todas e todos assistiam TV, e, a partir das oficinas, puderam demonstrar o que gostavam de assistir, constatando-se a variedade de preferências entre as próprias crianças, sua própria inserção no cotidiano e o desenvolvimento de uma possível aprendizagem.

3.2 Transição da TV Analógica para a TV Digital

Sendo um dos principais objetivos da abordagem pedagógica, o outro aspecto que se destacou nas análises foi em torno da expectativa da transição da nova tecnologia. Enquanto, para os educadores, a transição não tinha uma importância maior



– afinal, tratava-se, em grande parte, da mesma má televisão com aspecto melhor e sedutor -, as crianças operavam com ansiedade e expectativa. Em vários momentos, elas mostraram, nas conversas durante as atividades, um conhecimento amplo sobre a implantação da TV digital. Em algumas escolas, as famílias, de baixa renda, ainda não tinham o conversor necessário, e as crianças sabiam desta obrigatoriedade, se quisessem continuar vendo TV.

Esta dissemelhança também aparece quando se notavam as expectativas para a transição do sinal digital. Enquanto as educadoras se limitavam as questões técnicas, os estudantes especulavam com o ocorrido. A euforia com a transição passava pelo fato da “TV ter ficado melhor”, de que agora o “bombril” só seria usado na cozinha – e não mais para limpar a imagem da TV, que a melhoria ocorreu sem precisar gastar dinheiro (percebendo uma influência do discurso de seus responsáveis sobre a transição, visto que não são elas que cuidam do dinheiro da casa) e, também, a reutilização das televisões antigas, tanto para casa de parentes “na roça”, quanto, principalmente, para uso em seus próprios quartos, no caso das famílias que compraram equipamentos televisivos mais modernos.

As expectativas eram em torno de melhorar a sua experiência. Menos chuviscos, imagem mais bonita, som melhor. Até mesmo algo ainda não previsto. “Eu acredito que, com o conversor digital, vou poder sentir o cheiro das comidas do Master Chef e vou poder fazer compras, tudo pelo controle remoto”, disse uma criança, sobre o programa de culinária do canal Bandeirantes. As crianças, com perdão do trocadilho, se se mostraram antenadas para as mudanças, e suas esperanças por um lazer diferenciado foi relatado.

Suas expectativas eram ditas com grande empolgação, visto que a maior parte ainda não tinha o receptor do sinal em casa e estavam em êxtase a sua espera. A imaginação saltava aos olhos, principalmente nas perguntas que faziam sobre o sinal, como “poderei jogar/assistir Netflix através do conversor?” e “E se os satélites explodirem?” Havia perguntas surpreendentes como “E como vai ser nas cidades de muito morro que os morros não vão deixar o sinal passar?” (o irmão de um dos alunos mora em Ouro Preto, cidade montanhosa em Minas Gerais, e quando a pergunta surgiu durante uma explicação de como as ondas caminham, todos queriam oferecer soluções, como “Posiciona vários satélites entrando entre as montanhas, aí um vai mandando sinal pro outro até chegar nas casas no meio das montanhas”).

As professoras possuíam boa interação com as crianças, e, ao perceber o interesse dos pesquisadores com as respostas delas, as estimulava a responder mais. Embora as docentes expusessem suas expectativas de forma mais madura, demonstravam igual animação, com questões e hipóteses que não divergiam grandemente das dos alunos, mostrando que a opinião deles, em parte, era fruto das aulas dadas sobre o assunto.

Parte das professoras destacou a importância da formação e do material didático para seu crescimento profissional, pois confessou que via a migração para o sinal digital como um vilão que alienaria de vez as crianças e os jovens, dificultando seu processo de aprendizagem e de formação humana. Após o acesso ao material, passa-se a enxergar a TV digital com outro olhar, refletindo sobre a possibilidade de utilizá-la como aliada em sala de aula. Na visão das professoras, os alunos possuem grande expectativa, principalmente com a melhora da qualidade do som e imagem e a disponibilização de mais canais com filmes de desenhos animados. Já as suas próprias principais expectativas, além da melhora da qualidade de imagem e som, seria a abertura de novos canais educativos e a possibilidade de gravar a programação via conversor digital.



Cabe aqui esclarecer que poucas dessas expectativas têm chance de serem cumpridas, dado o modelo atualmente adotado pela TV digital brasileira. Com exceção da melhora da qualidade do som e da imagem e da possibilidade de gravação, a disponibilidade de novos canais, principalmente voltado para crianças e para a educação, bate de frente com o desejo contrário das grandes emissoras comerciais que querem evitar ampliar a concorrência. Como a comunicação televisiva é uma atribuição do Congresso Nacional, e uma bancada importante (e ilegal) é formada de donos de emissoras comerciais pelo país, não há qualquer expectativa de mudança de cenário².

Lembre-se aqui que a multiprogramação, que permite a abertura de inúmeros novos canais, é uma possibilidade real da TV digital e foi uma das principais reivindicações dos movimentos sociais pela democratização da informação. Sua disponibilização já não depende de questões técnicas, tanto é que, não sendo possível confrontar a possibilidade tecnológica, valeu-se da determinação política e hoje se encontra praticamente proibida pelo Decreto 4.901/2003 (Lemos da Silva, 2013). Metaforicamente, tem-se uma frota de carros que, com quatro pistas para trafegar, só lhes é permitido andar por uma, deixando as demais totalmente ociosas.

A grande ironia é que a expectativa supostamente mais fantasiosa – e que ilustra o título deste trabalho – é a que mais próxima está da realidade. Pesquisadores japoneses³, sul-coreanos e norte-americanos⁴ já experimentaram o cheiro de programas de TV e, embora não prevista, ainda, para a televisão brasileira, a digitalização seria, sim, capaz de proporcionar a prática, necessitando apenas de um aplicativo dentro do sistema operacional de interatividade e o acoplamento de um dispositivo ao aparelho.

3.3 As visões das professoras e dos alunos sobre a televisão

Como já dito anteriormente, para as professoras, em geral a TV é apresentada como prejudicial ao processo de ensino/aprendizagem. Mesmo assumindo as novas possibilidades pedagógicas que encontraram para utilizar a televisão, parte importante de educadores alega que o acesso irrestrito dos alunos a qualquer tipo de programação é altamente nocivo a seu desenvolvimento, tanto intelectual quanto físico e moral. Na pesquisa realizada com o grupo de capacitação, menos da metade acreditava que a TV ajuda atualmente na prática pedagógica. No entanto, sobre a possibilidade de ajudar, 75% acredita que pode contribuir muito, o que cria infinitas possibilidades para o cotidiano educacional.

Para os estudantes, segundo as professoras em geral, a TV ocupa um lugar de substituta dos pais e responsáveis, transmissora de valores, foco das atenções dos alunos e principal vilã da educação (alunos indispostos para estudar pela manhã, estudantes reproduzindo discursos de violência assistidos na TV). Já em suas próprias vidas a TV não recebe destaque, e as detém apenas como telespectadoras ocasionais.

² “Segundo informações do Sistema de Acompanhamento de Controle Societário – Siacco, da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), 32 deputados e oito senadores são proprietários, sócios ou associados de canais de rádio e TV”. In: Raio X da Ilegalidade: políticos donos da mídia no Brasil. Observatório do Direito à Comunicação (2016). Disponível em:

<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=29753> Acesso em 17 fev. 2018.

³ Hammerschmidt, R. Sinta o cheiro dos seus programas favoritos com esta TV japonesa. In: Tecmundo (2013). Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/tv-interativa/38133-sinta-o-cheiro-dos-seus-programas-favoritos-com-esta-tv-japonesa.htm>. Acesso em 17 fev. 2018.

⁴ Pesquisadores criam dispositivo que emite cheiro pelo aparelho de TV. In: R7 Notícias (2011). Disponível em <http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/pesquisadores-criam-dispositivo-que-emite-cheiro-pelo-aparelho-de-tv-20110715.html>. Acesso em 17 fev. 2018



Mas, se as professoras têm resistências à televisão, os estudantes assumem com entusiasmo a sua presença em suas vidas, seja através do aparelho de TV, computador ou *smartphone*. As turmas pesquisadas estão localizadas em regiões periféricas e atendem a um público de classe média baixa e baixa. Uma pequena quantidade de alunos possui TV por assinatura e são reconhecidos por seus pares por isso. Boa parte afirma assistir a programação destinada ao público adulto (novelas, principalmente, e filmes de ação e suspense) e demonstram que entendem como uma prova de maturidade ter acesso a essa programação. Apenas uma pequena parte dos alunos confessa, de início, assistirem desenhos animados e programas infantis (considerados como ‘para crianças’), todavia, quando aguçados, a maioria afirma gostar de animações e apresentam as suas favoritas (filmes animados e desenhos de ação receberam maior destaque).

Para as crianças, a TV é vista como companheira diária, consideram uma atividade prazerosa. Todavia, em contradição com o imaginado pelas professoras, a maioria dos alunos afirma que não trocariam as brincadeiras com os colegas pela TV (neste ponto há uma distinção entre os gêneros: as meninas pouco se manifestaram, enquanto os meninos se pronunciaram em massa que as brincadeiras na rua têm prioridade).

Durante as observações, ficou claro que o trabalho das professoras girou majoritariamente em torno de questões técnicas sobre a televisão (seu histórico, desde o surgimento e o desligamento do sinal analógico). No entanto, casos isolados de discussão sobre o conteúdo da TV aconteceram. Uma das turmas merece destaque pelo trabalho da professora com os comerciais de televisão: os alunos apontaram elementos dos comerciais que fazem um público específico se interessar pelo produto comercializado e demonstraram uma construção significativa de criticidade sobre esse elemento televisivo, exemplificando com experiências próprias (três alunos afirmaram que desistiram do presente que haviam escolhido de Natal, pois “ele parecia bem legal no comercial, mas o jogo era meio sem noção assim, e eu não ia brincar muito, aí eu escolhi outro que não tava na TV, mas eu ia jogar mais”).

Embora as visões da professora e dos alunos sejam divergentes, não há um embate em sala de aula, pois a autoridade das professoras não é questionada pelos alunos, que se silenciam ou faziam poucas intervenções diante de suas afirmações (em alguns momentos, onde as professoras expuseram suas opiniões em frente aos alunos, e como, mediadores, os pesquisadores instigavam os alunos a comentarem, o que raramente acontecia). No entanto, é importante lembrar que, além do fato da observação ter sido por um curto período de tempo e, portanto, não poder representar uma situação generalista, as crianças também poderiam estar receosas em expor suas opiniões e serem hostilizadas ou interpretadas como indisciplinadas, algo importante nesta faixa etária.

Para os alunos, a TV é a companheira, principalmente das noites, vista com carinho, com forte presença em seu núcleo familiar. Já para professores, todas alegaram pouco contato com a TV, seja pela falta de tempo ou de interesse, mas todas afirmaram “gostar do entretenimento”, principalmente nos fins de semana.

3.4 Processos de Aprendizagem

Quando se descreve o clima e as relações interpessoais entre professor-aluno, aluno-aluno, tanto quando das aplicações do material, tanto em outros momentos da aula, nos momentos presenciados pelos pesquisadores havia bastante engajamento no trabalho, e as crianças, principalmente, demonstravam bastante empolgação com as atividades. Aparentemente, professora e alunos mantinham um bom envolvimento, e as crianças



demonstravam muito interesse com o assunto. As produções foram bem elaboradas, e, mesmo com todas as dificuldades entre o desejo do professor e dos estudantes, ao final ganhou a liberdade de expressão que os alunos tiveram para realizar os trabalhos, através de características próprias da idade que marcavam as atividades. Embora fosse possível perceber uma interferência maior da professora no início dos trabalhos, principalmente na definição do projeto escolhido, era possível perceber bastante autenticidade nas manifestações finais dos alunos.

As aprendizagens foram, muitas vezes, para além do planejado pelas professoras. Por se tratar de um assunto inerente ao cotidiano das crianças, elas demonstraram muito interesse, realizando perguntas inesperadas e desenvolvendo pensamentos sofisticados sobre o tema. Quanto confrontadas, as crianças se lembravam das atividades, principalmente as questões técnicas sobre o desligamento, o número que se deve ligar para agendar a retirada do Kit Digital nos Correios, data que ocorreria o desligamento. Os pesquisadores ficaram com o sentimento que houve distintas apropriações, com turmas que apresentaram discurso majoritariamente técnico, sobre o sinal, ondas televisivas, o conversor e o desligamento; e turmas que se ativeram para características de conteúdo, embora em menor número e, quando isso acontecia, tinham dificuldades em expor o que tinham aprendido.

Quanto às convergências e as divergências do discurso das professoras sobre TV, foram bem parecidos entre elas, alegando, principalmente, a interferência da televisão na disposição dos alunos para assistir aulas e a reprodução dos discursos de dos conteúdos da televisão pelos educandos. No entanto, embora vissem a TV como vilã, afirmaram que a formação ampliou suas visões, com o intuito de se trabalhar com a TV como aliada para uma educação mais completa e interativa para os alunos.

3.5 Continuidade

Após o desligamento do sinal analógico, os pesquisadores voltaram em parte das escolas para tentar perceber se haviam aspectos que apontassem desdobramentos do trabalho, distinção entre os momentos analógicos e digitais e apontamentos que indicassem a continuidade das atividades.

Na observação e nas entrevistas com as professoras, grande parte afirmou que deram continuidade no trabalho, mas apenas uma minoria apresentou materiais produzidos nessas atividades. Foi o caso da Cápsula do Tempo, onde após aberta, os alunos refletiram sobre suas cartas e escreveram uma resposta, dizendo se suas expectativas foram supridas ou não. Perguntadas se mudaram de opinião do lugar ocupado pela televisão na vida quotidiana das professoras e estudantes, por unanimidade responderam que não. Se foram cumpridas, não cumpridas ou não saberia responder sobre expectativas das professoras e estudantes em relação a migração do sistema analógico para o digital da TV brasileira, a maioria acredita que não foram realizadas, pois as crianças reclamavam principalmente da imagem, que o sinal caía e ficavam completamente sem TV por qualquer ventania ou chuva fraca, ou simplesmente travava sem nenhum motivo aparente. Também questionavam o som, que não perceberam diferença.

5. Considerações finais

É visível que a formação e as atividades dos cadernos pedagógicos da Seja Digital/FaE-UFMG foi de extrema importância para informação e formação da comunidade escolar pesquisada. Tanto para com a transição do sinal analógico para o digital, como para ofertar oportunidades didático-pedagógicas para entender a televisão



em conjunto com suas práticas, e aprimorando, concomitantemente, a própria leitura do meio de comunicação, por si e por seus alunos. Contudo, ainda há um longo caminho a se percorrer a fim de tornarmos a escola parceira das comunicações, colocando a televisão no papel de companheira da educação escolar e transformando a escola em um lugar onde se aprenda a receptor criticamente os conteúdos apresentados pela TV, um dos principais objetivos dos cadernos.

Essa pesquisa acredita que possa inspirar e fornecer metodologia para que se prossiga nessa trajetória. Qualquer que seja a interpretação dos seus resultados, ainda assim seria limitada, por tratar-se de uma amostra muito restrita. O que a torna válida é levar à discussão, uma vez mais, da presença da televisão no cotidiano escolar, independente se de bom ou mau grau. É inegável que recursos didáticos de qualidade como os cadernos *Conexões Escolares com a TV Digital* são fundamentais para deixar o assunto em pauta, até mesmo contra as resistências naturais da comunidade acadêmica escolar. Aprimorá-los é missão cotidiana de todos os educadores.

Aproveitar o momento histórico que passa a televisão brasileira é se engajar nesta janela de oportunidade, tanto para repensar como construir uma relação com esse veículo que está, indubitavelmente, presente na vida de educadores e educados. “É importante que a equipe pedagógica da escola esteja preparada para entender a juventude: desejos, medos, dificuldades, o modo como fazem a ressignificação do mundo, e como elegem suas preferências. E nesse sentido, não há como negar a participação das tecnologias digitais na vida dos jovens do século XXI” (FEITOSA & SCHLÜNZEN, 2012, p. 471).

5. Referências

- CABRAL FILHO, A.V. (2007). Teses interativas sobre um debate analógico a respeito da novela da implantação da TV Digital no Brasil. *Liinc em Revista*, 2(2), pp. 101-112.
- BRASIL. (2003). *Decreto no. 4.901, de 26 de novembro de 2003*. Brasília: Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4901.htm.
- FEITOSA, D., SCHLÜNZEN, E. T. (2012). Uma TVDI para otimizar a Educação Brasileira. In: GOBBI, M. C., MORAIS, O. J., *Televisão Digital na América Latina: avanços e perspectivas* (pp. 441-475). São Paulo: Intercom.
- KIELING, A. S., FREITAS, K., FEITOSA, D. (org.) (2017). *TV digital [recurso eletrônico]: o desligamento do sinal analógico e a adaptação dos telespectadores*. Brasília: Universidade Católica de Brasília.
- LEMO DA SILVA, D. (2013). A falsa promessa da multiprogramação na TV digital. *Intercom - XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Manaus: Intercom.
- MELO, P. R., RIOS, E. C., GUTIERREZ, R. M. (2000). *TV Digital: desafio ou oportunidade?* Rio de Janeiro: BNDES - Banco Nacional do Desenvolvimento.
- SOUSA, C., FEITOSA, D. (org.) (2017a). *Conexões Escolares com a TV Digital*. São Paulo: Seja Digital.
- SOUSA, C., FONSECA, D. (org.) (2017b). *Cadernos temáticos: Conexões escolares com a TV digital - Caderno 2 Trilhas Televisivas*. São Paulo: Seja Digital.